

PERFIL

O senhor Oceano

Para alegria do biólogo Mário Ruivo, dentro de dias o palco mundial pertencerá aos mares. Para trás, ficam as perseguições da Pide, a prisão, os exílios – 50 anos depois, venceu

PAULO CHITAS

Às vezes um homem e o seu sonho cruzam-se. Em 1998, houve um encontro desses, em Lisboa. Não foi fortuito – estava a ser preparado há mais de meio século. E também não passou despercebido: todo o mundo fez eco desse encontro, mesmo desconhecendo o longo namoro que o precedeu. O homem é Mário de Oliveira Ruivo, 71 anos, e os oceanos são o seu sonho.

Tudo começou quando um jovem activista político, amordaçado por um regime totalitário, saiu dos estreitos limites da sua terra, acossado pela polícia fascista. Muitos exílios depois, passados 50 anos de discussões, encontros, viagens, a missão está quase cumprida: daqui a cinco dias, a 1 de Setembro, o mundo dar-lhe-á finalmente ouvidos, quando for apresentado o relatório internacional sobre o estado dos oceanos, no recinto da Expo'98 (*ver caixa*).

A ligação ao mar iniciou-se em 1950, altura em que publicou um estudo sobre a sardinha na costa portuguesa. Já então se confirmava como um estudante brihante: acabou a licenciatura em Biologia com 18 valores e arrancou a nota máxima, 20, no estágio. «Comecei por estudar os vírus porque estava interessado na origem da vida. Mas não continuei pois corria o risco de contaminar o Jardim Botânico. Em Lisboa, não havia condições para o desenvolvimento de tais investigações», conta.

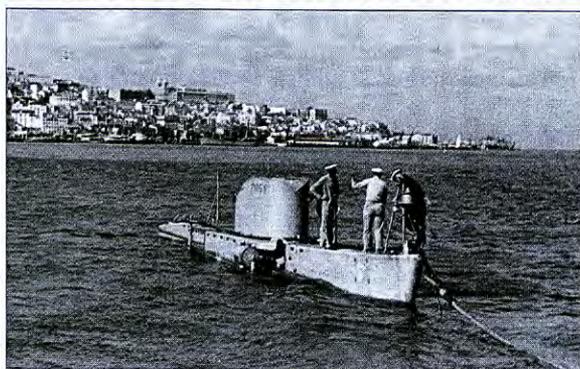
Ser um estudante brihante não bastou: a Pide impediu-o de dar aulas na Universidade, afastou-o das campanhas de estudo dos recursos piscícolas e recusou-lhe o diploma para ensinar no Secundário. Contra si a polícia tinha o facto de estar ligado ao MUD (Movimento de Unidade Democrática) juvenil, a liga de opositores-mirins ao regime. Mário Ruivo participou na organização das manifestações que se realizaram em Lisboa para comemorar o final da Segunda Guerra. E a Pide sabia que pertencia ao ilegalizado Partido Comunista Português.

Mário Ruivo não nasceu num berço de



MÁRIO RUIVO

Para o biólogo, os oceanos são a imagem de marca de Portugal



ouro, mas o pai, funcionário público, tudo fez para que os filhos completassem os estudos. A família deixou Campo Maior e saltou pelas vilas do Alto Alentejo, até se radicar em Évora, onde o futuro biólogo andou no liceu. «Provenho de uma família de tradições republicanas. Passei a juventude a ouvir falar da guerra civil espanhola e a escutar os camiões que atravessavam o Alentejo para abastecer as tropas de Franco.»

NA CELA COM MÁRIO SOARES

Com a passagem para a Faculdade, na capital, aprofunda-se o empenhamento político que o leva à cadeia, em 1947, durante três meses. «Partilhámos a mesma cela. Ele foi preso primeiro, por causa de uma actividade do MUD juvenil», conta Mário Soares, ex-Presidente da República e amigo íntimo de Mário Ruivo. Aliás, a associação entre os dois Mários perdurará no tempo, incólume às beliscaduras políticas.

Concluída a licenciatura, o biólogo parte, em 1951, para Banyuls-sur-Mer, no sul de França, onde trabalha para o Centro Nacional de Investigação Científica. Casa por procuração com Lídia Nunes, que se lhe junta no exílio, onde ficam quatro anos.

De volta a Portugal, por insistência de um antigo professor, ingressa no Instituto de Biologia Marítima, passaporte certo, no seu caso, para campanhas científicas na Terra Nova e na Gronelândia, onde avalia o estado dos stocks do bacalhau. Por companheira de viagem terá Glicínia Quartim, bióloga que mais tarde escolhe a carreira de actriz.

Durante esse período em Portugal nasce o primeiro filho, João Pedro Ruivo, hoje assistente de realização. Entre a recolha das escamas e dos otólitos (formações ósseas que permitem avaliar a idade dos peixes) dos bacalhaus, volta a enredar-se na actividade política, escrevendo para a *Seara Nova*. «A revista era uma daquelas varandas



NA TERRA NOVA

Num bacalhoeiro, em 1958, estudando os stocks do Noroeste do Atlântico

PARIS, 1961

No exílio (à esquerda), com Ramos da Costa, fundador do PS e Jorge Reis



O DIA D

O Oceano, Nosso Futuro é o título do relatório da Comissão Mundial Independente para os Oceanos (CMIO), a apresentar na Expo'98, no dia 1 de Setembro. «Trata-se de um balanço crítico da situação dos oceanos», diz Mário Ruivo, coordenador da comissão que produziu o documento. O relatório propõe a constituição de uma Agência Europeia dos Oceanos. «Espero que a Europa pegue nisso. Eu falei com o presidente da Comissão Europeia, Jacques Santer, que a julgou uma boa ideia», disse à VISÃO Mário Soares, presidente da CMIO.

No dia 1, será ainda apresentada a Carta de Lisboa, na qual, segundo Mário Ruivo, se «identificam elementos de natureza estratégica que possam conduzir a uma nova governação dos oceanos, democrática e participada».

Uma mensagem de Kofi Anan, o secretário-geral das Nações Unidas, será divulgada a 31 de Agosto, altura em que dezenas de jovens de todo o mundo sobem ao palco da Praça Sony para apresentar um espectáculo com a preservação dos oceanos como tema. A presença de Mário Soares, na Praça Sony, também está agendada para esse dia.

Para a apresentação do relatório, esperam-se em Lisboa os cerca de 40 membros da CMIO, além de Frederico Mayor, secretário-geral da UNESCO, e Boutros Boutros Ghali, ex-secretário geral das Nações Unidas.

NO TEJO

A bordo do FRNS III, Mário Ruivo explorou os *canyons* submarinos de Sesimbra, em 1956. «Devo ter sido o único português que comeu pão com chouriço a 2 mil metros de profundidade»

COM MÁRIO SOARES

Na casa de Mário Ruivo, em Itália, em 1965. Foi aqui que o ex-PR escreveu parte do *Portugal Amordaçado*



campo da família Ruivo, em Itália, Mário Soares, visita frequente, escreve parte do livro *Portugal Amordaçado*. «Por nossa casa passavam opositores ao salazarismo, exilados espanhóis e da América Latina. Lembro-me de o Pablo Neruda nos visitar», diz o filho João Pedro, 39 anos.

OCEANOS, IMAGEM DE MARCA

No dia 27 de Abril de 1974, Mário Ruivo aterriza na Portela – vinha ver o País que abandonara há 14 anos. Quando mais tarde regressa de carro com a família, como-se à chegada ao Alentejo. «Em Borba, um menino tinha uma t-shirt com uma foice e um martelo», lembra o filho.

O novo poder coopta-o para os seus quadros: é nomeado secretário de Estado das Pescas. Em Agosto de 1975, sobe mais um degrau, ao assumir o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros do Vº Governo Provisório, dirigido por Vasco Gonçalves. «Foi um grande secretário de Estado das Pescas. Como ministro dos Negócios Estrangeiros não teve tempo para nada – o Governo caiu um mês depois», recorda Mário Soares.

A maré política muda, em Novembro de 1975. Mário Ruivo é «emprateleirado» e regressa ao domínio técnico-científico, negociando em nome de Portugal a Convenção sobre Direito do Mar. «Senti uma grande revolta. Sendo considerado um radical,

o meu pai nunca foi uma cabeça totalitária», esclarece João Pedro.

Pela terceira vez, exila-se, agora «esquecido» por um sistema democrático que não aprecia o seu «radicalismo». De 1980 a 1989, ocupa-se da Comissão Oceanográfica Intergovernamental, organismo da UNESCO de que é secretário-geral. «Fui motivado pelo objectivo de pôr em prática conceitos que não estava em condições de divulgar a partir de Portugal», diz.

De regresso ao País, no final dos anos 80, divorcia-se e casa com Maria Eduarda Gonçalves – dessa união nasce Joana, hoje com 9 anos. Mas é no início de 90 que esquematiza uma ideia para dar visibilidade à questão que sempre o preocupou: o futuro dos oceanos. «Ele queria criar uma comissão para elaborar um relatório sobre os oceanos. Defendia que, em 1998, se instituisse o Ano Internacional dos Oceanos e que a Expo lhes fosse dedicada», conta Mário Soares.

Estavam criadas as condições para o homem que, em 1970, organizou a primeira

conferência mundial sobre poluição marinha, voltasse à ribalta. «É importante adquirirmos uma imagem de marca. Portugal pode ser conotado com os oceanos», defende o biólogo. Assim, se, 500 anos depois das Descobertas, Portugal voltar ao mar, já se sabe: a culpa será de Mário Ruivo, um homem com nome de peixe. ■



CARICATURA

Na prisão do Aljube, em 1947, o companheiro de cela, Ramon la Feria, retrata-o assim